

## QUILOMBO EM FESTA: FESTIVAL DA CULTURA NEGRA

José Luiz Xavier Filho<sup>1</sup>

### RESUMO

Apresentamos e analisamos neste trabalho o *Festival de Cultura Negra do Quilombo Sambaquim*, que é o principal evento cultural realizado anualmente na comunidade localizada na cidade de Cupira - PE. É nessa festa que são apresentadas as manifestações culturais, como, as religiosas, as músicas e a dança. Além de reforçar os laços sociais entre os quilombolas, acreditamos que as festas são uma poderosa arma que representam um espaço de emancipação social e uma resistência quilombola em torno de suas tradições e construções identitárias, por isso, este trabalho narra como se constituem os processos rituais no festival de cultura negra no campo simbólico, bem como a representação da dança da Mazurca dentro do festejo, relacionando-os ao contexto histórico-cultural. Neste caso, a pesquisa será de natureza qualitativa, já que, para estudar os processos rituais nas festas da comunidade quilombola, faz-se necessário analisar as relações que perpassam os sentidos e os significados atribuídos pelos atores sociais a esta manifestação. Conhecemos a história de Sambaquim e suas festividades a partir das entrevistas e narrativas da comunidade. Logo, o quilombola precisa ser ouvido e a tradição oral é uma fonte essencial numa comunidade sem escrita, principalmente entre os membros mais velhos. É necessário conhecer a sua história e as relações sociais através da fala.

**Palavras-chave:** Quilombo; Festividades; Ancestralidade; Identidade Negra.

### INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo Quilombo Sambaquim nasce de uma interferência na trajetória da pesquisa: quando localizamos a comunidade, fortuitamente, em 2009, e o lugar tornou-se ponto de encontro com os moradores e um espaço de estudos.

As únicas fontes que existem são seus moradores. Conhecemos a história do quilombo a partir das entrevistas e narrativas da comunidade. Percebemos que o reconhecimento dado pela *Fundação Cultural Palmares (FCP)*, de que a comunidade é um remanescente de quilombos, deu aos moradores um significado de se sentirem importantes historicamente. O reconhecimento seria um marco na valorização de pertencer ao grupo.

---

<sup>1</sup> Graduado em História (UPE), graduando em Sociologia (FAVENI), especialista em Ensino de História (FAVENI) e História e Cultura Afro-Brasileira (IPEMIG), mestrando em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas (UPE), professor de História do quadro efetivo da rede municipal de ensino do município da Lagoa dos Gatos – PE, ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4762429040202808>, e-mail: [jlxfilho@hotmail.com](mailto:jlxfilho@hotmail.com).

Em Cupira, a população, de certa forma, os discrimina, ou pelo menos os moradores de Sambaquim sentem-se discriminados, mas o reconhecimento pela *FCP* fez nascer um sentimento de certeza e orgulho do quanto eles fazem parte da história de maneira significativa, num contexto, inclusive, nacional. Eles passam a valorizar suas memórias, os ensinamentos deixados pelos mais velhos, suas tradições, sua cor e etnia e a comemorar seus momentos de festas. Passaram, então, a não se sentirem tão inferiorizados. O estudo contribuiria na preservação destes aspectos, pois pretende-se dar o retorno aos seus moradores, através de uma relação a ser estabelecida pela Associação e da Escola que lá existem.

Os relatos que nos foram fornecidos são decorrentes de uma herança ancestral, que ao passar do tempo, passaram a fazer parte da memória coletiva dos moradores. Em nossa pesquisa, buscamos reconstituir o processo de ocupação territorial do quilombo através dessas histórias, muito embora, elas parecessem um quebra-cabeça, os relatos foram significativos, no sentido de que, por meio delas, os entrevistados retomam o passado e reelaboram o significado de sua identidade no presente.

Alguns aspectos foram essenciais para identificar o significado dado, pelos moradores, aos seus ancestrais, como, nossas idas à casa de farinha, ao terreiro<sup>2</sup>, às serras e aos rios do sítio. Através desses elementos visitados, os moradores ressaltam a importância dos “antigos” do sítio e os relacionam a sua identidade, pois eles registram esses locais como herança que faz parte da história deles.

O que nos leva a considerar o Festival de Cultura Negra no quilombo Sambaquim, nessa pesquisa, é exatamente a importância que os moradores dão a ele e as relações de identidade que eles estabelecem a partir dessas festas, que pudemos observar durante o nosso contato com esses moradores. As festas nessas comunidades são arraigadas de simbolismos míticos e que fazem parte da história e da cultura local.

Independente de suas origens, as festas são verdadeiras encenações a céu aberto que têm como cenário as ruas e praças públicas das cidades. As festas possuem características únicas, por estarem associadas à civilidade, por reviverem lutas, batalhas e conquistas, homenagearem heróis, personalidades e mitos. Podem estar associadas à religiosidade como acontece com as festas litúrgicas ou em louvor aos santos, principalmente em louvor aos santos

---

<sup>2</sup> Destacamos aqui que o termo terreiro, de acordo com os moradores do quilombo Sambaquim, é usado como espaço para reuniões festivas e não para práticas de religiões africanas.

padroeiros de cada localidade; podem estar ligadas aos ciclos do calendário para comemorar os momentos importantes da vida cotidiana, como no caso das festas de colheitas ou festas da culinária; podem ser festas folclóricas que recriam algo que ficou na memória coletiva; podem ser festas étnicas por expressarem a tradição cultural das comunidades de imigrantes, sobretudo europeias ou podem, ainda, ser festas do peão, tão difundidas no interior do país. Lanternari afirma que não existe sociedade humana sem festa. A festa é um ‘espelho no qual o ser humano se reflete, buscando, respostas para sua condição de precariedade frente à vida’ (CARPONERO; LEITE, 2010, p. 100-101).

A festa é uma celebração que reflete a diversidade de olhares e conceitos de uma determinada cultura (ÁGUAS, 2012). Não é o tipo de afeto ou emoção dominante que define uma festa como tal, “a alegria de uns pode ser a tristeza de outros”, afirma Norberto Guarinello (2001, p. 974), pois, ‘festa’ é um termo vago, que pode ser aplicado a uma ampla esfera de situações sociais concretas. A sua própria definição é complexa, sendo assim, abre um leque que possibilita diferentes interpretações do viver em sociedade.

Sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa dos participantes (GUARINELLO, 2001, p. 972).

Como afirma o autor, as festas podem ter vários enquadramentos, depende de uma dupla percepção: de quem a estuda ou dos participantes da mesma. Nessa lógica, podem ser discutidas como reafirmação ou transgressão, sagrada ou pagã<sup>3</sup>, libertadora, como aceitação social ou até mesmo de resistência, ou seja, está relacionada com a visão de cada contexto. O objetivo focal da festa pode estimular diferentes sensações nos participantes como sentimentos de pertencimento ao local, ligação histórica junto aos demais ou fé, por exemplo. Diz Guarinello que: “A reunião comemorativa que constitui a festa é seu próprio objetivo” (Ibidem, p. 971).

Nessa condição, pensamos na festa não exclusivamente como uma celebração ao passado, visto que trabalhamos em especial as festividades culturais em Sambaquim,

---

<sup>3</sup> Usamos o termo “pagã” aqui por ser o vocábulo referência a tudo que é profano ou mundano, religiosamente falando dentro da comunidade quilombola. Visto que a religião católica é muito forte e dominante dentro do quilombo, e os próprios membros da comunidade a utilizam fazendo referência a práticas que não sejam católicas.

mas que seja relevante uma contextualização histórica dos principais aspectos tradicionais na comunidade em consonância com a contemporaneidade. De acordo com Ikeda e Pellegrini:

As festas representam momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia-a-dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; do exercício da religiosidade; da criação e expressão de realizações artísticas; assim como o momento da confirmação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal (IKEDA; PELLEGRINI FILHO, 2008, p. 207).

Coube-nos questionar se as festividades no quilombo são culturalmente fortes para enfrentarem os impactos que a comunidade recebe devido a modernidade e o avanço das tecnologias. Eventualmente poderiam levar a um enfraquecimento visto que a parcela mais jovem estuda e trabalha fora da “terra”, ou até mesmo a perda pela devoção e empenho na realização do festival, causando assim uma transformação para a cultural local, podendo até chegar, em caso extremo: à decadência da determinada festa.

Maria Sileide da Silva, 34 anos, natural do quilombo, mostra-se consciente das mudanças quando a questionamos sobre as tradições do quilombo da época dos seus pais e as de hoje: “Não, eu acho que é diferente né. Cada tempo vai passando, aí vai mudando, mais tecnologia e vai mudando tudo, né”<sup>4</sup>. Mas mostra-se preocupada e se considera um membro ativo na perpetuação da cultura local, considerando que o morador da comunidade é o responsável pela preservação de sua história e cultura:

É muito importante pra nós, que assim, que nós e também os que vai crescendo né, não deixa acabar essa cultura, né. A nós, a Cecília, a Edneide, que nós sempre levantar pra não acabar a nossa cultura porque é muito importante, a mazurca. [...] Tem na comunidade a reunião né, que é todo mês, a associação. Porque se não for a associação, né aí cai. Porque senão ninguém se reúne né, pra fazer a dança, todo mês a gente se reúne lá em cima, aí quando chega a época que é em novembro, aí se reúne todo mundo e é festa o dia inteiro. É um festão visse (Maria Sileide da Silva, 34 anos).

Pensamos na festa realizada dentro do quilombo como um momento importante para as relações sociais, um elemento constitutivo da história e saberes do quilombo,

---

<sup>4</sup> SILVA, Maria Sileide. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Comunidade Quilombola Sambaquim, 28 de novembro de 2019.

como uma ação que interrompe as dinâmicas rotineiras e atividades do cotidiano individual e gera um sentimento de pertença coletivo que interage com as comunicações da tradição histórica de Sambaquim. A festa representa um momento precioso na vida dos participantes, socializando os costumes e enriquecendo a vida coletiva.

São essas festas populares que constituem as características culturais das quais emergem as identidades que caracterizam os grupos humanos e as sociedades. Atualmente, vêm ganhando não só importância social, mas também política e econômica.

Nosso recorte temporal consiste num espaço de 74 anos, que vai de 1946 a 2020. Essa escolha foi baseada na média da idade dos entrevistados. Nossa principal fonte são as histórias narradas: contamos com 9 entrevistas, entre homens e mulheres. Nosso narrador mais antigo tem 92 anos de idade<sup>5</sup>, e o mais jovem 34. Há uma ênfase nas narrativas dos mais velhos, acreditando que, dessa forma, podemos extrair histórias mais antigas, contadas por esses personagens, a respeito do quilombo e dos seus antepassados. Foram histórias contadas sobre a comunidade, sobre suas próprias vidas e de seus ancestrais e sobre as questões culturais.

Analisar a comunidade quilombola é fazer uma viagem e se aventurar em suas narrativas, pois, é a através da tradição oral que são preservados os saberes dos seus ancestrais. Essas falas são transmitidas de uma geração para outra, e é assim que chegam aos dias atuais. Percebemos que nenhuma outra alternativa para estudar a fundo a história em Sambaquim teria a validação sem que nos apoiássemos nessa herança de conhecimentos.

## **FESTIVAL DE CULTURA NEGRA DO QUILOMBO SAMBAQUIM**

Durante a pesquisa, tivemos a oportunidade de presenciar as relações sociais e festas na comunidade, no período do Festival de Cultura Negra do Quilombo. Antigamente, o festival era realizado por famílias que tinham o maior destaque, que formaram as primeiras lideranças da comunidade ou parentes próximos das mesmas. As primeiras festas tinham como principal motivo a reunião dos grupos familiares o que

---

<sup>5</sup> Lembrando que as entrevistas foram realizadas no ano de 2019.

favorecia assim, o encontro com os parentes que moravam fora do quilombo. Serviam assim também para reafirmar os laços fraternais e a convivência com os grupos familiares que moram na circunvizinhança, fortalecendo dessa forma o prestígio da família que organizava a festas dentro da comunidade.

A festa é uma trégua indecisa da luta: todos interrompem o confronto direto, o trabalho, as atividades rotineiras para participar da celebração comum. As pessoas procuram a transcendência, os pequenos desafios do cotidiano são esquecidos. Pode-se fazer uma imagem da festa como um caleidoscópio no qual se refletem vários aspectos da vida social [A festa] [...] permite entrever as múltiplas relações que têm lugar numa micro sociedade e os valores que assim ela explicita: do parentesco ao meio ambiente, do calendário agrícola ao respeito aos mais velhos, da produção artesanal à história dos ancestrais, da liderança feminina ao conhecimento das plantas, das relações de afetividade aos valores humanos considerados fundamentais. Por esta razão, a festa, com seus ritos e símbolos, revela os costumes, os comportamentos, os gestos herdados e aponta ao mesmo tempo para as negociações simbólicas entre essas comunidades negras e os grupos com os quais interagem (MOURA, 1998, p. 13-14).

Lembrando que as festividades aconteciam esporadicamente no quilombo, as reuniões eram feitas com o intuito apenas de festejar e se encontrar para dançar e brincar, até então não existia na comunidade a ideia de o porquê ser dia 20 de novembro ou até mesmo quem era Zumbi dos Palmares. Neste ponto, os mecanismos da memória são acionados, mesmo sendo algo novo ao grupo, Zumbi é levado a um passado coletivo da comunidade, o que Pollak denomina trabalho de enquadramento da memória. Segundo o autor:

A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (POLLAK, 1992, p. 204).

O festival foi inserido no calendário oficial do estado, na gestão do prefeito José João Inácio, em 2005, remetendo-o as comemorações que acontecem no dia da Consciência Negra. Atualmente, é realizado pela comunidade numa tentativa de mesclar os novos aspectos de afirmação da identidade quilombola e a valorização da cultura africana, é uma fusão entre atividades consideradas pagãs, devido ao catolicismo que impede as práticas religiosas africanas, e as consideradas religiosas. Vale ressaltar que foi no mesmo ano que a comunidade foi reconhecida como remanescente quilombola.

Em meio às políticas de reconhecimento do quilombo, da fundação *Associação Comunitária Remanescente de Quilombo (ACORQ)*<sup>6</sup> dentro da comunidade, da oficialização do festival, as tradições locais vão sendo mais valorizadas entre os mais jovens, principalmente, mas é todo um processo lento de construção de identidade, de identificação com a história e a cultura do quilombo e a valorização de suas relações com a cultura africana. A aceitação e a reinvenção identitária fez com o que o quilombo participasse de eventos relacionados ao quilombismo, o que permitiu a troca de informação e influências com outras comunidades negras. Apoiados nesse novo discurso de “ser quilombola”, alguns moradores passaram a pesquisar mais sobre suas raízes históricas a fim de enriquecer a festividades negras e a estima pelos seus antepassados.

Figura 01. Solônia Josefa da Silva.



Fonte: Arquivo do autor, 2019. (Foto autorizada)

Nesse contexto, Solônia Josefa da Silva, é a mais importante mediadora desse processo. Nascida no quilombo e ativista das causas da comunidade, transita em lugares diferentes na busca de melhorias, não só nas causas sociais, mas principalmente culturais, das quais extrai influências em outros quilombos. Assume na *ACORQ* o cargo de secretária e atua nas questões culturais, exercendo um papel fundamental na recriação das identidades, o que contribui diretamente nas recriações e fortalecimento das tradições locais. Apesar disso, Solônia se recusa ao papel de líder do quilombo.

---

<sup>6</sup> Fundada em data de 06 (seis) de fevereiro do ano de 2002 (dois mil e dois), com sede no Sítio Sambaquim, município de Cupira.

Sendo assim, segundo a secretária do quilombo, ao identificar-se como comunidade remanescente quilombola, a comunidade de Sambaquim enriqueceu seu Festival da Cultura Negra adicionando a ele novidades culturais resultantes de sua participação nos movimentos negros sociais, como, por exemplo, a participação em congressos de comunidades negras rurais, assim como a abertura a grupos de outras comunidades, a aceitação de acadêmicos e a integração ativa da escola na valorização da cultura local vivenciada em sala de aula.

Durante o Festival, os estudantes e os moradores mais velhos palestram sobre questões a respeito do preconceito, da discriminação e dos direitos dos negros e dos quilombolas. Assim, as capoeiras e os estudos da origem africana que foram debatidos em sala de aula são apresentados e poesias com a temática são declamadas. As músicas cantadas no festival têm a ver com a questão do negro, e que, antecipadamente, são discutidas em sala de aula com seus professores. Ainda sobre as apresentações e manifestações artísticas do festival, foi criado na comunidade, em parceria com a escola municipal e seus respectivos professores, um grupo de poesias intitulado, pelas participantes, como *Dandara*<sup>7</sup>, que é formado por meninas quilombolas. Elas recitam poesias e cordéis, onde mesclam autores nacionais e produções autorais. No momento de sua apresentação é cedido o espaço para os discursos de mulheres ativistas negras:

Figura 02. Grupo de Poesia Dandara.



Fonte: Arquivo do autor, 2019. (Foto autorizada)

<sup>7</sup> Nome escolhido pelo grupo em homenagem a guerreira negra do período colonial. Dandara foi esposa de Zumbi, líder daquele que foi o maior quilombo das Américas: o Quilombo dos Palmares. Valente, ela foi uma das lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII e auxiliou Zumbi quanto às estratégias e planos de ataque e defesa do quilombo. Disponível em <<http://www.palmares.gov.br/?p=33387>>, acesso em: janeiro. 2021.

Os discursos quando tratam de questões étnico-raciais, mesmo que novo e muito recente em Sambaquim, estão sendo apropriados e repetidos diversas vezes quando dialogamos com os membros da comunidade. Percebemos também que é um evento introspectivo celebrado por eles e para eles. A dimensão da festa, mesmo que aberta ao público, centraliza-se para o interior do quilombo, fortalecendo assim os laços internos entre eles, isso é perceptível na repetição de discursos sobre o orgulho negro.

Mesmo com uma abrangência maior em termos de apresentações culturais, alguns quilombolas afirmam que a festa sofreu um recuo, “ficou menor”, as mudanças que estão ocorrendo estão despertando críticas nos antigos moradores que se sentem saudosos do tradicionalismo, isto é, como eram realizadas as festas antigamente. Segundo Otávio Miguel da Silva:

As festas participavam aqui, meus pais, minhas avós e avôs. Se eu digo pra você que era original mesmo. Era: novena, terço, reizado, guerreiro, essas coisas, ciranda, a mazurca que é coisa antiga, que é do começo, festa de casamento, sanfoneiro, tocador, isso aí tudo tinha e tem, né. Pronto, era o que eles participavam. [...]E as festas aqui só era assim nesse regra. [...]E hoje em dia não tem mais isso, que até... não uso mai, mai tenho saudade, que a gente distrai ainda (Otávio Miguel da Silva, 76 anos).

Interpretamos a fala do entrevistado no sentido que houve uma diminuição na amplitude que a festa tinha antigamente e não à inexistência das festividades quilombolas. Há dois momentos de receio e relação às festividades: o primeiro é quanto aos mais velhos, que percebem as mudanças e a tecnologia interferindo nas tradições locais; o segundo é que, o e estranhamento a essas mudanças, distancie os mais velhos das comemorações. Outra preocupação é o fato de que, sendo aberto ao público, os eventos adquiram características externas ao quilombo, uma vez que os de fora participam não só como expectadores, mas como integrantes do festival.

## **MAZURCA**

Abrimos espaço nessa pesquisa para a Mazurca, por se tratar da dança típica e tradicional da comunidade. Não existe uma data específica para suas apresentações, ela pode ser realizada em qualquer momento festivo. No entanto, a partir da oficialização do calendário, incluindo o Festival de Cultura Negra no quilombo, a dança passou a fazer parte do evento, ganhando uma conotação mais expressiva.

A mazurca tem um significado histórico e cultural para o quilombo. Ela faz parte, dentre as diversas manifestações culturais existentes, de um forte instrumento de resistência cultural negra em Sambaquim, fundamentada em um legado histórico dos seus antepassados, afirmando-se etnicamente e contando suas histórias.

Qualquer tipo de expressão, como objeto de análise histórica, pode ser considerada uma forma de permanência que traduz memória e reverbera politicamente na vida de determinados grupos sociais, influenciando, interferindo, alterando ou preservando. O que se poderia chamar descrição global na discussão das brincadeiras de adultos remete à discussão sobre as necessidades e princípios dos indivíduos e grupos praticantes, a significação para a comunidade onde é praticada e as possibilidades de oferecer uma abordagem contextualizada e contemporânea dos novos problemas enfrentados para a produção de conhecimento (ALMEIDA, 2013, p.15).

A mazurca, para a comunidade, além do seu histórico, cultural e artístico, tem forte ligação sagrada porque envolve toda uma questão nostálgica, no momento em que por meio dela, estabelecem forte ligação com seus pais, de quem herdaram o costume, e por meio dela expressam uma saudosa homenagem aos ancestrais, fazendo dessa dança a principal atração cultural do quilombo.

Os integrantes sabem da seriedade e responsabilidade desse momento. Celebrando a vida, são trabalhados também a corporeidade e a oralidade da comunidade. A regra principal ao entrar na roda da mazurca é estar e se sentir bem, a dança requer liberdade, felicidade e emoção. Logo, começam as cantigas em pequenos versos e os sorrisos se completam quando são entoadas. A historiadora Mary del Priore (2000), ao tratar sobre festas no Brasil Colonial, propõe uma discussão que nos parece importante e aplicável em relação aos encontros e interações sociais em momentos de reunião da comunidade para a celebração da dança. Segundo a autora:

[...] é também fato político, religioso e simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários (DEL PRIORE, 2000, p.62).

A mazurca é uma dança coletiva, onde os participantes dão as mãos e giram em círculo cantado, apenas à capela, sem uso de instrumentos. As vozes ecoam pelo espaço

da apresentação enquanto as cantigas são acompanhadas por forte batida dos pés no chão:

Figura 03. Roda de Mazurca.



Foto: Arquivo do autor, 2019. (Foto autorizada)

Figura 04. Roda de Mazurca.



Foto: Arquivo do autor, 2019. (Foto autorizada)

Em sua origem etimológica, o conceito de mazurca, está relacionado à tradição polaca. A mazurca era frequentemente utilizada pelos compositores da Polônia da era romântica. Chegou a Cabo Verde nos meados do século XIX. O ritmo adaptou-se às Ilhas, resultando numa música e dança mais lenta do que a original polaca. Na Polônia já não se dança a mazurca, mas em Cabo Verde ainda hoje é dançada<sup>8</sup>.

A principal característica da dança é ser de roda. O passo é quase sempre o mesmo, variando conforme o andamento da música, as quais são entoadas em uníssono ou por improvisação, um dos participantes canta e os demais que compõem a roda respondem em coro. Em relação ao espaço, pode ser em locais fechados, como mostrado na figura abaixo ou em locais abertos, geralmente em terreiros.

---

<sup>8</sup> Disponível em <<http://forum.dancastradicionais.net/viewtopic.php?f=5&t=8>> Acesso em: jan. 2021.

Figura 05. Preparação Para a Mazurca



Fonte: Arquivo do autor, 2019. (Foto autorizada)

Analizamos algumas letras das músicas cantadas enquanto eles “batem a mazurca”, termo usado pelos membros ao se referirem à prática da dança de roda. Descrevemos detalhadamente a letra *Xô Gavião*<sup>9</sup>, que segue abaixo. A forma como é entoada traz dinamicidade durante a realização, com divisões de vozes, refrãos e quantidade que é repetida minuciosamente para que se possa imaginar como funciona.

São letras simples, que retratam o cotidiano dos jovens da comunidade em tempos mais antigos. Falam do cortejo do rapaz à moça e do empecilho paterno na conquista. Metaforicamente, “gavião” representa a mocidade do homem, ou como eles dizem “o preto novo sabido”, fazem referência aos jovens da comunidade que buscavam namoradas. A referência para a beleza feminina é evidenciada no verso: /mas teus olhos negros valem tudo/, quando no ato da conquista, o jovem diz que /o teu pai não tem dinheiro/ faz menção as qualidades de desinteresse financeiro do rapaz pelas posses do pai. Para ele o que importa são os dotes físicos. As moças eram conquistadas através dos elogios. O rapaz deveria ser galanteador. No caso de *Xô Gavião* podemos perceber esses aspectos:

Xô gavião, xô gavião / faz tarararará, meu gavião / Menina que sai na roça / Xô gavião / Trazendo botão de rosa / Xô gavião / Três brancas e três amarelas / Xô gavião / Chegando em casa tá cheirosa / Xô gavião / Xô gavião, xô gavião / Ele faz tarararará, meu gavião / Cadê a dona da casa? / Xô gavião / Eu não sei onde ela está / Xô gavião / Se tá morta ou se tá viva / Xô gavião / Quero mandar enterrar / Xô gavião, xô gavião / Ele faz tarararará, meu gavião / Senhora dona da casa / Xô gavião / Bote a cabeça na porta / Xô gavião / Que eu quero lhe perguntar / Xô gavião / Quantas

<sup>9</sup> Música de roda típica do Quilombo Sambaquim.

galinhas tem morta / Xô gavião / Xô gavião, xô gavião / Ele faz tararararará, meu gavião / Menina, minha menina / Xô gavião / Quando me vê pra que corre? / Xô gavião / Se és bonita me aparece / Xô gavião / Se és feia pra que não morre? / Xô gavião / Xô gavião, xô gavião / faz tararararará, meu gavião / Menina, minha menina / Xô gavião / Sobrancelha de veludo / Xô gavião / O teu pai não tem dinheiro / Xô gavião / Mas teus olhos negros valem tudo / Xô gavião / Xô gavião, xô gavião / faz tararararará, meu gavião.<sup>10</sup>

Entre outras músicas cantadas na roda, existem as que tem poucos versos e repetições constantes, um exemplo dela é “Ô aiá, ô aiá”<sup>11</sup>. O termo “aiá” refere-se a como os escravos chamavam as moças no período da escravidão. Redução de Sinhá/Sinhazinha/Senhora. A música é mais uma forma de representar a vida do jovem no campo, da lida diária, que mesmo trabalhando, moça e rapaz, se percebem um ao outro. São as relações sociais possíveis de serem estabelecidas em comunidades como as de quilombo, essencialmente voltadas para o trabalho no campo:

Mas quando eu chego numa casa / Ô Aiá ô aiá / Quando eu entro pra dentro dela / Ô Aiá ô aiá / A primeira coisa que eu abro / Ô Aiá ô aiá / É as portas e as janelas / Ô Aiá ô aiá / As meninas que tão na roça / Ô Aiá ô aiá / Pode olhar que eu tô passando / Ô Aiá ô aiá / Tô deixando para o campo / Ô Aiá ô aiá / As meninas que tão chorando / Ô Aiá ô aiá / Mas as mulher que nós toma conta / Ô Aiá ô aiá / Mas quem tá do lado de fora / Ô Aiá ô aiá / Escute pra entrar pra dentro / Ô Aiá ô aiá / Que cantador não é bexiga / Ô Aiá ô aiá / Pra ficar nos adulando / Ô Aiá ô aiá / Ô menino vamos a ela / Ô Aiá ô aiá.

Os versos são cantados rápidos e com participação coletiva, não havendo nessa música divisão de vozes, é cantada em uníssono e com batidas rápidas de pés e girando em círculo. Aos que estão de fora da roda, acompanham com palmas harmonicamente com a batida de quem está dançando.

As letras das músicas não possuem temas como protestos, denúncias sociais, histórias sobre a luta e sofrimento quilombola. Muito pelo contrário, retratam e exaltam a natureza, o saudosismo, a infância, os amores, os encontros e os reencontros. A função da roda de mazurca é divertimento, compartilhamento de alegrias e lazer, por juntar a comunidade em torno de um único propósito. Nas palavras de João Miguel Filho, 71 anos: “festejar a cultura local e não deixar morrer”. Os mais velhos se preocupam em

<sup>10</sup> Ressalta-se que são músicas culturais e representativas dos quilombolas, passados de geração em geração por meio da tradição oral, estas captadas por meio de gravadores e transcritas, pertencendo assim ao arquivo pessoal do autor.

<sup>11</sup> Música de roda típica do Quilombo Sambaquim.

manter preservada a dança. Acreditam que é uma forma de respeitar suas tradições e a memória de seus ancestrais. Mas muitos jovens vão embora. Os filhos de Josefa Estelina já se foram, ela fala com pesar:

Não, vou falar a verdade, meus filho se criaram tudo aqui, mai adespois, quando tá de idade, foram simbora tudim pra São Paulo para trabalhar, porque aqui não tem trabalho. Repassei pra minha filha, a Solange. Gravamos e levei pra lá num DVD, aí tem um filho meu que diz: “Oh, mãe, eu desejava tá lá nessa Mazurca”. Aí eu digo: “Porque você não arruma um tempo e vai pra lá quando tiver?”. “Porque, mãe sabe que a gente não pode ir”. Porque assim, eles trabalham na usina né, e é difícil eles terem umas férias. Quando tem umas férias, aí é 20 dia, aí num dá (Josefa Estelina da Silva, 60 anos).

Essa preocupação de Josefa Estelina, em preservar suas raízes, também é percebida e confirmada na fala de Solônia Josefa, 38 anos, e de Quitéria Josefa da Silva, 43 anos:

Assim, eu sempre... não é só pensamento, é um sonho que eu tenho que é preservar sempre a Mazurca, porque ela já vem de muito antigo pra gente repassar pra os filhos, pra os netos, os bisnetos, não deixar que essa cultura morra, e a gente ter uma prevenção melhor pra poder ajudar (Solônia Josefa da Silva, 38 anos).

Como Solange já falou, a gente tá tentando, a educação tá tentando, é ensinar aqueles mais jovens né, as tradições, os costumes, a mazurca, essas coisas, pra poder continuar pra não vê acabar (Quitéria Josefa da Silva, 43 anos).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma pelas quais conhecemos as características culturais em Sambaquim é porque estes aprenderam com alguém e assim sucessivamente. Os valores morais, éticos e educacionais foram passados de geração em geração até os dias atuais, e cabe aos moradores de Sambaquim propagar/repassar à parcela mais jovem e manterem vivas as tradições quilombolas.

Hoje, eles contam com a presença institucional da *ACORQ* e da escola municipal que desenvolve um trabalho nesse sentido. Mas é importante esclarecer, que em comunidades como quilombos, a tradição oral e a manutenção do conhecimento através dela é bastante significativa, pois faz parte de todo o contexto da ancestralidade.

É preciso conscientizar a população, sobretudo a comunidade acadêmica cupirense do que está sendo perdido. O patrimônio cultural imaterial é protegido e reconhecido pelo Estado brasileiro. Porém, muito há o que se fazer para efetivar tal

direito. Sobretudo, no que diz respeito às minorias, dentre elas as comunidades tradicionais. Enquanto comunidade tradicional e grupo formador da sociedade brasileira, os quilombos fazem parte da história e da cultura nacional. Esses povos dependem do apoio de autoridades e de acadêmicos interessados em escrever sobre o legado deles para garantir a própria existência, a continuidade dos seus saberes e da preservação da memória e história, de quem sabe, do embrião da sociedade negra de Cupira.

## REFERÊNCIAS

ÁGUAS, Carla L. P. **Quilombo em festa: pós-colonialismos e os caminhos da emancipação social**. 2012. 465 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, 2012, Portugal, 2012.

ALMEIDA, Magdalena Maria de. **Samba de coco e políticas públicas: patrimônio e formação cultural em Pernambuco**. Brasília: FCP, 2013.

CARPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo**, São Paulo, v.7, n. 10, abr/maio/jun. 2010, p.99-113.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano, In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**, São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 2001, v. 2, p. 969-975.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. Celebrações populares: do sagrado ao profano. In: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ação Comunitária (org). **Terra paulista: histórias, artes, costumes**, v. 3, Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial; CENPEC, 2008. p. 201-229.

MOURA, Glória. As Festas Quilombolas e a construção da Identidade. In: DOPCKE, Wolfgang (org). **Crises e Reconstruções: estudos afro-brasileiros africanos e asiáticos**. Brasília: Linhas Gráficas, 1998. p. 7-19.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, 5 (10), 1992.

FONTES ORAIS:

SILVA, Josefa Estelina da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Maria Sileide. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Otávio Miguel da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 29 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Quitéria Josefa da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 29 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.

SILVA, Solônia Josefa da. Entrevista concedida a José Luiz Xavier Filho. Quilombo Sambaquim, 28 de novembro de 2019. Entrevista completa encontra-se no arquivo pessoal do autor em áudio e transcrita.